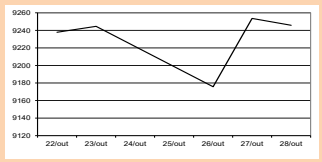
EURODÓLAR (28.10) 1,1144

-0,77% Var. Semana



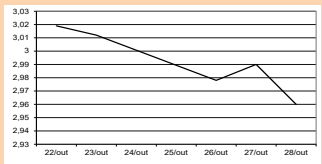
-5,12% Var. 2026

Euro/Libra 28/out 0,8371
Var Sem 0,18%
Var 2026 ..... 4,13%

Euro/lene 28/out ..176,3200
Var Sem 0,73%
Var 2026 ..... 4,36%

EURIBOR 3M (28.10) 2,6180

-1,695% Var. Semana



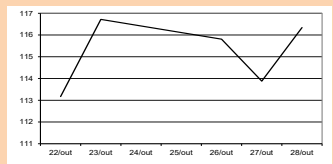
29,22% Var. 2026

Euribor 6M 28/out 2,6180
Var Abs Sem ..... -2,31%
Var 2026 ..... 40,48%

Euribor 1Y 28/out 3,2900
Var Abs Sem 0,83%
Var 2026 ..... 46,68%

PETRÓLEO BRENT (28.10) 116,32

6,89% Var. Semana



91,16% Var. 2026

Ouro 28/out.....4039,93
Var Sem ..... -2,42%
Var 2026 ..... -6,46%

Prata 28/out 53,63
Var Sem .....-7,45%
Var 2026 ..... -25,13%

COLABORAÇÃO: BANCO SANTANDER

ANDRÉ VENTURA, PRESIDENTE DO CHEGA, NO ICPT

Estado deve criar condições para estimular o investimento privado

VÍTOR NORINHA
vnorinha@grupovidaeconomica.pt

O presidente do Chega, André Ventura, defendeu que a crise da habitação em Portugal só poderá ser resolvida com um mercado mais dinâmico, novos modelos de construção e uma justiça eficaz. Durante um almoço-debate do International Club of Portugal (ICPT), criticou a insuficiência da resposta pública e considerou que o Estado deve criar condições para estimular o investimento privado, em vez de impor soluções.

André Ventura apontou para uma carência habitacional da ordem dos 400 mil fogos, que associou também ao crescimento da imigração. Questionou as críticas aos Vistos Gold, referindo que foram emitidos cerca de 13 mil, e defendeu que a dimensão do problema habitacional exige respostas mais abrangentes.

O líder do Chega considerou que a solução não pode assentar exclusivamente na habitação pública, estabelecendo uma comparação entre Portugal, onde apontou um peso de cerca de 2% no parque habitacional, e os Países Baixos, com 35%. Defendeu igualmente a adoção de novos modelos construtivos, embora reconhecendo que os resultados não serão imediatos e que a disponibilidade de terrenos constitui uma limitação.

Ventura questionou ainda por que razão o Estado não disponibiliza edifícios devolutos para projetos de habitação acessível. Na sua perspetiva, a intervenção pública deve privilegiar a criação de condições para o funcionamento do mercado. "O Estado deve incentivar, não obrigar, a criar um mercado dinâmico", afirmou.



"O Estado deve incentivar, não obrigar, a criar um mercado dinâmico", afirmou André Ventura.

Europa não pode ficar para trás na inteligência artificial

A inteligência artificial e a competição tecnológica entre os grandes blocos económicos foram outros temas abordados no encontro. André Ventura alertou que os Estados Unidos e a China continuarão a investir na indústria tecnológica e na inteligência artificial (IA), pelo que a Europa terá de acompanhar essa evolução para não perder competitividade.

"Nenhum bloco vai parar o desenvolvimento de IA e da tecnologia", salientou, defendendo que a Europa tem de procurar uma posição de liderança, em vez de ficar dependente das estratégias das restantes potências económicas.

O presidente do Chega criticou também as políticas europeias de imigração e acolhimento, contrapondo-as à capacidade dos Estados Unidos para atrair profissionais qualificados através das suas universidades.

Numa reflexão mais ampla sobre o modelo económico europeu, questionou as políticas redistributivas das últimas décadas e defendeu uma "ordem económica dependente da ordem moral", associando o desenvolvimento económico à responsabilidade individual, ao funcionamento do mercado e à eficácia das instituições.



MICHAEL KRAUTZBERGER
Diretor de Investimento Global (CIO) de Mercados Públicos, Allianz Global Investors (AllianzGI)

BCE faz uma pausa, mas não muda de rumo

Esperamos que o Banco Central Europeu (BCE) mantenha as taxas de juro inalteradas nos 2,5% na reunião de 29 de outubro. Porém, esta pausa não deve ser interpretada como o fim do ciclo de endurecimento monetário. Com o petróleo acima dos 100 dólares, a inflação a poder superar os 4% no inverno e uma economia ainda sólida, prevemos mais dois aumentos de 25 pontos base, em dezembro e, possivelmente, em março, elevando a taxa dos depósitos para 3%.

A pausa justifica-se, mas a luta contra a inflação não terminou. Os efeitos indiretos do encarecimento da energia ainda são limitados, enquanto a subida das rendibilidades das obrigações já está a tornar as condições financeiras mais restritivas.

É também pouco provável que o BCE intervenha para apoiar os mercados de dívida soberana. França e Itália enfrentam procedimentos por défice excessivo e não reúnem atualmente condições para beneficiar do Instrumento de Proteção da Transmissão. Uma desaceleração da redução do balanço do BCE poderá proporcionar apenas um alívio limitado.

A redução dos custos de financiamento deverá resultar de políticas orçamentais credíveis e reformas estruturais, evitando riscos para a credibilidade da política monetária.

Entretanto, o investimento em tecnologia, defesa e infraestruturas, associado à solidez do mercado de trabalho, continua a sustentar a atividade económica. Se esta resistência persistir, os elevados preços da energia poderão alimentar pressões inflacionistas mais abrangentes.

Com a inflação a não regressar ao objetivo antes do final de 2028, o BCE pode ser paciente, mas não declarar vitória.

Para os investidores, este cenário poderá acentuar a inclinação da curva de juros alemã. Consideramos as rendibilidades das obrigações cada vez mais atrativas, justificando uma posição de longo prazo nas carteiras globais. No mercado cambial, mantemos uma posição curta em euros face a outras moedas do G10.



Comunicação Empresarial N.º 14

DO'S & DONT'S DA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL



SILKE BUSS
Especialista em Comunicação, BUSS Comunicação

Cobertura mediática sem stress

Em setembro, assegurámos a presença dos media na Conferência Europeia da Economia Alemã em Lisboa. Refleti, para esta coluna, sobre como conseguimos ter sucesso sem stress. Uma boa cobertura mediática resulta de vários fatores e estou convencida de que muitas agências de comunicação fazem um bom trabalho nesta área. Será que também o conseguem sem stress, ou seja, sem desenrascanços de última hora? Talvez, não sei. De qualquer forma partilho a importância de um bom planeamento e da sua realização, com alguma – só alguma – flexibilidade. Adianto já que tivemos um game changer às 17h20, na véspera da Conferência: Em vez de discursar no jantar de gala, o primeiro-ministro ia inaugurar o evento. Tudo bem. Reagimos de imediato, com calma: Como de resto já estava tudo feito, era só ligar aos órgãos de comunicação social não confirmados – para os ainda conquistar – e confirmados e enviar o convite atualizado. Como conseguimos preparar a cobertura mediática de forma empenhada e relaxada, ao mesmo tempo? Com um plano detalhado "Quem faz o quê e até quando". Os prazos têm de ser realistas e as pessoas envolvidas – dos clientes e da agência – têm de estar comprometidas. O plano serve de fio condutor e qualquer alteração desejada deve ser comunicada com antecedência para percebermos se é possível considerá-la ou não. Exemplo: Convidámos os oradores e as oradoras a responder a duas questões para o press release e demos um prazo de cinco dias úteis. Um único CEO pediu para enviar as respostas dois dias depois do nosso deadline, o que aceitámos por não complicar o plano. Nos restantes casos, tivemos em conta exclusivamente as respostas enviadas dentro do prazo comunicado.

Diz-se que o sucesso costuma depender de fatores simples na teoria, mas difíceis na prática. Será assim tão difícil respeitar um plano de preparação? O segredo está na comunicação clara, proativa e envolvente na equipa composta por elementos dos clientes e da agência. Tem de ficar bem claro: O plano definido não serve de mera orientação. É um compromisso para alcançarmos, sem stress, o objetivo comum de uma excelente cobertura mediática.